



CONVERSANDO COM AS MÁQUINAS

por Alberto Carlos Augusto Klein¹

Resumo:

Este artigo pretende abordar algumas interferências culturais das novas tecnologias de comunicação, especialmente o impacto sobre os vínculos estabelecidos por nosso meio comunicativo mais primário, o corpo. Em uma cultura, auto-designada de sociedade da informação, a promessa de interconexão total entre as máquinas lança-nos a uma nova perspectiva: o deslocamento cada vez mais evidente das relações interpessoais mais primárias para o fortalecimento dos vínculos entre o homem e a máquina. Em que medida os media tornam-se fins em si mesmos nesse novo contexto é uma das questões discutidas por este trabalho.

Palavras-Chave: Corpo; Informação; Interconexão; Máquina; Media

Abstract:

This article intends to address some cultural interference of the new communication technology, particularly the impact over the links set up by our earliest communicative milieu, the body. In a culture, auto-désignée from the society of information, the promise of absolute interconnection among machines lead us to a new perspective: the displacement each time more evident of the primest interpersonal relations to the bond strengthening between man and machine. The dimension in which the media become itself aim in this new background is one of the questions discussed in this work

Keywords: Body; Information; Interconnection; Machine; Media

¹ Alberto Klein é doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC - SP, professor do curso de Comunicação e Artes do Corpo na mesma Universidade e professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade do Centro Universitário de Maringá (Cesumar),PR.





""Senhor...se não restam mais humanos, que ao menos restem robôs-Ao menos a sombra do homem!""

Karel Capel, R.U.R. (Rossum's Universal Robots), 1920

Incomunicação

Uma das expressões mais usadas para descrever o mundo contemporâneo é "sociedade da informação". A expansão da internet a partir dos anos noventa, a popularização de aparelhos telefônicos celulares, somadas a um arsenal de artefatos como pagers, fax, palm tops, parecem não nos dar o direito de passar ao largo de um mundo informativo.

Tropeçamos com informações o tempo todo. Nossa experiência urbana é antes de tudo uma experiência mediática, em que outdoors, painéis eletrônicos, cartazes, banners, luminosos, vitrines devoram nosso olhar. Dietmar Kamper, em um forte ensaio chamado Os padecimentos dos olhos, estava certo ao afirmar que "os olhos já não acompanham; seja pela abundância de imagens, seja pela acelerada aparição e desaparecimento das coisas."² O mundo excessivamente visual é produto desse universo mediático que, ao invés de resultar em experiências comunicativas mais enriquecedoras, tenta seduzir nossos olhos ao consumo provocando com isso saturação.

Filósofos e cientistas da comunicação têm nos alertado para essa crise da visibilidade pela qual passamos. Além de Dietmar Kamper, Norval Baitello Jr.³, por exemplo, mostra-nos como a centralização dos processos comunicativos na visão ocasiona uma certa restrição

² KAMPER, Dietmar. Os padecimentos dos olhos. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A. e ALMEIDA, M.C. (orgs). Ensaio de complexidade. Porto Alegre: Sulina, 1997. p.131-137.

³ BAITELLO Jr., Norval. Imagem e violência: a perda do presente. In: Perspectiva, vol. 13, n. 13. São Paulo: Fundação Seade, jul-set, 1999.





cultural aos outros sentidos do corpo. Malena Segura Contrera⁴ lembra-nos que a saturação das informações é uma das principais fontes geradoras de uma espécie de pânico cultural, lembrando que pânico, do grego, significa tudo. Assim, a crise ocorre por conta do excesso; não da falta. As palavras de Baudrillard⁵ dão um tom definitivo a essa questão ao tratar do hiper-real:

Sejamos claro quanto a isso: se o Real está desaparecendo, não é por causa de sua ausência - ao contrário, é porque existe realidade demais. Este excesso de realidade provoca o fim da realidade, da mesma forma que o excesso de informação põe um fim na comunicação. (p.72)

Se a informação é um dos bens mais valiosos da atualidade, um clichê bastante gasto, o excesso de sua oferta faz com que ela se torne, paradoxalmente, um dos artigos mais baratos e banais. Por detrás da prática do spamming (bombardeio de e-mails com informações inúteis) revela-se uma espécie de desejo de muitos internautas de alcançar o direito de não receber informações.

Entretanto, a palavra interconexão está na ordem do dia e ela promete que todo o nosso entorno se torne uma espécie de ambiente informativo. Se isso vai nos soterrar ainda mais em uma montanha de informações, pouco sabemos, mas a perspectiva de interconexão total pressupõe que tudo se transforme em mídia. Todas as máquinas estarão conectadas, muitos arautos da tecnologia prometem. E não somente os computadores, mas geladeira, microondas, automóveis e uma série de gadgets e aparatos

⁴ CONTRERA, Malena Segura. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

⁵ BAUDRILLARD, Jean. A ilusão vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.





eletrônicos. A geladeira ligada à internet que automaticamente faz pedidos ao supermercado, antes de ser uma realidade comercial, já é uma realidade tecnológica. Um dos autores que vêem aspectos positivos neste processo é o filósofo francês Pierre Lévy⁶. Ele aponta que a interconexão, ao lado das comunidades e da inteligência coletiva são princípios que orientam o crescimento do ciberespaço. Considerada por Lévy uma espécie de imperativo categórico do universo tecnológico atual, a interconexão constitui uma espécie de bem em si.

Essa possibilidade tecnológica aponta para uma questão pouco estudada no universo da comunicação: os vínculos comunicativos passam a se estabelecer entre as máquinas e não necessariamente entre os seres humanos. Sem cair na tentação de assumir uma postura apocalíptica, enxergando na máquina estratégias vis de dominação, e sem se deixar levar pelo encantamento exercido pelos meios, este pequeno ensaio reflete algumas questões sobre este deslocamento dos vínculos e sobre o espaço reservado ao corpo no processo da comunicação.

A Mídia e os Anjos

A palavra mídia vem do latim *medium* e significa meio, ponte, canal ou vínculo entre dois pontos, sendo o seu plural o substantivo masculino *media*. Assim, muitos autores ainda preferem se referir, corretamente, aos meios como os *media*. A adoção da palavra mídia em português se deve à influência da pronúncia inglesa de *media*. Os anjos, figuras que permeiam vários textos e livros da Bíblia, são uma espécie de mídia, uma vez que cumpriam a missão de enviar mensagens entre dois universos distintos. Eles estão presentes em episódios como a destruição de Sodoma e Gomorra, no nascimento e

⁶ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.





ressurreição de Jesus. O filósofo francês Michel Serres⁷ pergunta-se sobre a possibilidade dos anjos deixarem de cumprir sua missão (portar a mensagem) para iluminarem a si mesmos.

O estudo contemporâneo das mídias não pode deixar de passar por este problema. McLuhan⁸, ao expor a sua tese *the medium is the message*, estava pondo um fim a uma visão que defendia a neutralidade do canal no processo comunicativo. Além disso, atestava que os impactos culturais advindos dos meios são muito mais significativos do que seus conteúdos. Entretanto, o deslocamento do meio como mensagem pode aqui assumir uma outra interpretação. Tal como o anjo que se ilumina, a mídia muitas vezes desloca a luz da mensagem para ela mesma. Jamais nos esqueceremos do tempo excessivo que o Jornal Nacional dedicou ao nascimento da filha de Xuxa, apresentadora do mesmo canal. Lúcifer se imaginou como fonte e não portador de luz, assim também as mídias se colocam, muitas vezes, como fins em si mesmas. Isso se deve a um certo encantamento produzido pelos aparelhos. A corrida para a internet também nos mostra que a conversão de átomos em bits é freqüentemente fruto de um desejo de se investir em uma imagem moderna; não necessariamente resultado de uma necessidade de comunicação. Conectamos pelo encantamento e pela magia que a conexão nos oferece. Malena Segura Contrera⁹ denomina tal fenômeno como a "síndrome da auto-referência".

⁷ CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

⁸ McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, s/d.

⁹ CONTRERA, Malena Segura. *Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.





Impossível não nos remetermos novamente a afirmação de Pierre Lévy segundo a qual a interconexão é um bem em si. Projetar o vínculo e não a informação significa incorrer nessa síndrome. Até que ponto Lévy estaria seduzido pelo "anjo"? Ou será que a auto-referência é uma característica intrínseca à sociedade tecnológica? Se a interconexão é um bem em si, então estaríamos dispostos a renunciarmos à mensagem em favor do vínculo. As mídias existem porque tornam possível o processo comunicativo, através da troca de mensagens. Ou será que a mídia justifica-se apenas por ser mídia? Em muitos casos, a segunda alternativa parece ser em nossa sociedade a mais escolhida: fenômenos como o vício em internet ou em televisão apontam que o vínculo não se dá pelo conteúdo, é o próprio vínculo que gera dependência. Mais do que um "bem em si", a conexão passa a ser um fim em si mesma.

O cientista da mídia alemão, Harry Pross¹⁰, nos mostra que os meios de comunicação de massa são responsáveis pelos rituais mais resistentes no século XX. A mídia estabelece ritmos cotidianos para nossas vidas, como ligar o rádio do carro toda manhã quando nos deslocamos de casa para o trabalho, ler o jornal diariamente, ligar sempre a TV em um determinado horário. Se nossas vidas seguem ritmos pontuados pelos meios, é porque criamos uma relação regulada não pelas mensagens senão pelo vínculo estabelecido. O jornal nos anuncia o dia, mas se ele nos faltar pela manhã, provavelmente teremos a sensação de que nosso dia ainda não começou. É também provável que os telespectadores que respondiam "boa noite" ao apresentador Cid Moreira, ao final do Jornal Nacional, o faziam com sinceridade. Não devemos deixar de indagar até que ponto não fazemos das mídias fins em si mesmas, fontes de luz própria.

Um Diálogo com o Caixa Eletrônico

¹⁰ Apud. BAITELLO, Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo: Annablume, 1997.





Na esteira da expansão digital, a palavra "interatividade" ganhou bastante destaque. Na publicidade de muitos aparelhos, o adjetivo "interativo" garante ao produto um status tecnológico mais avançado. Quanto mais interativo melhor. A TV digital, cuja implantação já se anuncia aqui no Brasil, é também conhecida como TV interativa. Contudo, este conceito vem ganhando uma tonalidade monocromática, passando a designar não mais um diálogo entre dois indivíduos, mas um diálogo entre o usuário e a máquina. Percebemos, assim, que interagimos cada vez mais com aparelhos do que com seres humanos. Trocamos as filas do banco pela comodidade das operações pela internet de caixas eletrônicos. Ao invés de um funcionário, quem nos cumprimenta é a máquina, e a julgar pelo número de informações e senhas requeridas, nossa conversa com ela está ficando cada vez mais longa.

Rogério da Costa¹¹, ao discorrer sobre interatividade, acaba revelando esta perspectiva dominante de abordar o conceito. Segundo ele, interação designa a "capacidade de relação dos indivíduos com os inúmeros ambientes de informação que o cercam." (p.13). Assim, o DVD é interativo porque proporciona ao usuário recursos como seleção de capítulos do filme, legendas, e informações adicionais da produção. Essa visão não pressupõe necessariamente conexões entre indivíduos e nos mostra uma utilização do meio como o ponto de chegada no processo comunicativo. Além disso, a idéia de interconexão total entre os aparelhos prescinde do humano no processo comunicativo, na medida em que as máquinas estabelecem entre elas seus próprios vínculos. Eis aqui mais um foco de luz que se desloca da mensagem para o meio.

A Crise dos Vínculos

¹¹ COSTA, Rogério da. Cultura digital. São Paulo: Publifolha, 2002.





McLuhan¹² nos dizia que "na era da eletricidade, vestimos toda a humanidade com a nossa pele." De fato, vivemos em uma aldeia que se chama Terra, uma vez que o hardware das tecnologias de comunicação cobriu todo o planeta. Entretanto, não podemos esconder que os inúmeros suportes tecnológicos de comunicação não podem garantir vínculos humanos aprofundados. Por isso é válida a crítica de Malena Segura Contrera¹³ a Pierre Lévy, quando este toma conexão técnica por conexão comunicativa. Esta é uma situação paradoxal, pois a medida que estendemos nossos corpos em mídias nosso universo comunicativo vai ficando cada vez mais na superfície, literalmente em muitos casos, pois se limita às telas do computador e da TV. Comunicação, nessa perspectiva, afasta-se cada vez mais de uma palavra com a qual partilha o mesmo radical: "comunhão". Esta inquietação é também trazida por Ciro Marcondes Filho¹⁴:

Ao que tudo indica, as formas modernas de troca de mensagens, de diálogos permeados pelo computador, de interatividade ampliam as capacidades humanas de receber e repassar mensagens, mas a pergunta permanece: isso é efetivamente comunicar? (p.9).

Se a indústria da hipercomunicação, com todos os seus aparatos, ao invés de eliminar a solidão, acaba por intensificá-la, como nos alerta James Hillman¹⁵, é sinal de que o corpo expandido em diversos suportes abandonou toda a complexidade dos vínculos primários.

¹² Apud. KERKHOVE, Derrick de. A pele da cultura. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

¹³ CONTRERA, Malena Segura. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

¹⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. O espelho e a máscara. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

¹⁵ CONTRERA, Malena Segura. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.





Significa também que o excesso de conexões que estabelecemos leva-nos à fragilidade dos vínculos.

A superfície das telas muitas vezes são o espaço por onde deslizam nossos relacionamentos virtuais. Assim, o próprio corpo é instado a abandonar a sua concretude e pairar levemente como imagem no universo virtual. Não é somente o espaço físico que entra em crise, em uma cultura que valoriza o tempo real das comunicações, como nos fala Paul Virilio¹⁶, é também o corpo que se deve abolir. Trata-se, na expressão de Kamper¹⁷, de uma operação de "limpeza do mundo real", na qual o corpo se volatiliza. Baitello, nessa perspectiva, reflete sobre uma perda cultural da propriocepção, sentido ligado à percepção de corporeidade. Pois, se nossos corpos têm limites temporais e espaciais, os meios eletrônicos possibilitam transcendê-los desde que se transcenda também o próprio corpo.

Nesse sentido, as interferências culturais dos meios devem ser abordadas na perspectiva da nossa relação com o próprio corpo. Se ao estender o homem, os meios produziram uma nova dimensão para o envolvimento do corpo no processo comunicativo, é porque nossa presença física limita-nos a um espaço e tempo específicos. Portanto, essa dimensão é restritiva, obriga-nos a estarmos parados para que nossas extensões dêem mobilidade à mensagem. Nas telecomunicações o espaço dos processos comunicativos deve ser um espaço negativo. Assim, no compasso das extensões corporais, estamos perdendo o movimento, até mesmo os deslocamentos cotidianos da cidade, pois já estamos os substituindo pelo "tele-trabalho".

¹⁶ VIRILIO, Paul. O espaço crítico. São Paulo: Ed. 34, 1995.

¹⁷ Apud. MARCONDES FILHO, Ciro. O espelho e a máscara. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.





Cabe-nos refletir sobre como e se a mediatização produzirá um estado de sedentarização última e a completa anulação do corpo nas comunicações humanas. Também deve fazer parte dessa reflexão como fica a competência comunicativa do corpo em um mundo cuja pele são os meios tecnológicos. A resposta de Malena Segura Contrera¹⁸ é que o corpo já não consegue vivenciar sua aisthesis - capacidade de percepção através dos sentidos. Além disso, percebemos que fazem parte dessas interferências mediáticas novos critérios e novas medidas na relação do nosso corpo com o nosso entorno.

Na era da televisão nosso olhar se impregna de uma maneira televisiva de encarar o mundo. Derrick de Kerkhove¹⁹ sugere que crianças criadas em frente à televisão substituem a leitura seqüencial por olhadelas rápidas, diante de um livro, como se estivessem adotando a mesma estratégia visual que utilizam diante da TV. Até mesmo o universo religioso se contamina de uma certa estética televisiva, quando assistimos as mega missas do padre Marcelo ou qualquer outro espetáculo de natureza religiosa. Já não é possível imaginar um olhar desmediatizado em um universo mediático, assim como já não podemos imaginar nossos vínculos comunicativos mais primários sem as interferências das mídias. Kamper e Baitello tratam da falta do toque em uma cultura que prima pela comunicação à distância e cujo slogan vemos em placas com a inscrição "Don't Touch".

Notamos que nestes casos, muito aquém de um diálogo estabelecido com as máquinas, como nos sugerem os paladinos da interatividade, trata-se praticamente de um monólogo, da máquina, é claro. Ela é que nos dão a forma e critérios do estabelecimento de nossos vínculos. Para que haja uma conversa mais equilibrada, o corpo precisa antes de

¹⁸ CONTRERA, Malena Segura. Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

¹⁹ KERKHOVE, Derrick de. A pele da cultura. Lisboa: Relógio D'água, 1997.





tudo recuperar sua aisthesis. Vilém Flusser²⁰ sugere uma trilha interessante que nossa relação com as mídias deve percorrer. Concluímos nosso ensaio com as seguintes considerações deste filósofo da mídia:

Os aparelhos são de fato gigantescos, pois foram produzidos para sê-lo. E de forma nenhuma são super-humanos. Pelo contrário, são pálidas simulações do pensamento humano. O dever de toda crítica dos aparelhos é mostrar a cretinice infra-humana dos aparelhos. Mostrar que se trata de vassouras invocadas por aprendiz de feiticeiro que traz, automaticamente, água até afogar a humanidade, e que se multiplicam automaticamente. Seu intuito deve ser exorcizar essas vassouras, recolocando-as naquele canto ao qual pertencem, conforme a intenção inicial humana. Graças a críticas deste tipo é que podemos esperar transcender o totalitarismo robotizante dos aparelhos que está em vias de se preparar. Não será negado a automaticidade dos aparelhos, mas encarando-a, que podemos esperar a retomada do poder sobre os aparelhos. (p. 69-70)

²⁰ FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.





- BAITELLO JR, Norval, (1997) *O Animal Que Parou Os Relógios São Paulo*: Annablume
- BAITELLO JR, Norval, (1999) *Imagem E Violência: A Perda Do Presente. In: Perspectiva, Vol. 13, N. 13* São Paulo: Fundação Seade, Jul-set
- BAUDRILLARD, Jean, (2001) *A Ilusão Vital* Rio De Janeiro: Civilização Brasileira
- CONTRERA, Malena Segura, (2002) *Mídia E Pânico: Saturação Da Informação, Violência E Crise Cultural Na Mídia* São Paulo: Annablume, Fapesp
- COSTA, Rogério Da, (2002) *Cultura Digital* São Paulo: Publifolha
- FLUSSER, Vilém, (2002) *Filosofia Da Caixa Preta: Ensaio Para Uma Futura Filosofia Da Fotografia* Rio De Janeiro: Relume Dumará
- KAMPER, Dietmar, (1997) *Os Padecimentos Dos Olhos. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A. E ALMEIDA, M.C. (orgs). Ensaio De Complexidade* Porto Alegre: Sulina, P.131-137
- KERKHOVE, Derrick De, (1997) *A Pele Da Cultura* Lisboa: Relógio D'água
- LÉVY, Pierre, (1999) *Cibercultura* São Paulo: Ed. 34
- MARCONDES FILHO, Ciro, (2002) *O Espelho E A Máscara* São Paulo, Ijuí: Discurso Editorial, Ed. Unijuí
- VIRILIO, Paul, (1995) *O Espaço Crítico* São Paulo: Ed. 34

